

# Consultando os Livros Sibilinos: a expiação de prodígios na República Romana

## Consulting the Sibylline Books: the atonement of prodigys in the Roman Republic

## Consultando los Libros Sibilinos: la expiación de los prodigios en la República Romana

Jhan Lima Daetwyler\*

\* Universidade Federal do Estado do Rio  
de Janeiro (UNIRIO).  
limajhan@gmail.com

Submetido em: 3-3-2023

Aceito em: 29-8-2023

### RESUMO

A religião romana estava profundamente interligada com vários aspectos da vida dos habitantes de Roma, principalmente na política e nas interações sociais. No século III antes da era comum, a República Romana expandiu seus territórios pela Península Itálica, se tornando uma grande potência econômica e militar na região. Essa mudança, trouxe um grande impacto para Roma na esfera religiosa também, com divindades estrangeiras ganhando um local de culto dentro da cidade de Roma. O presente artigo procura analisar uma maneira específica na qual os antigos romanos estabeleceram novos templos e cultos para deuses e deusas estrangeiras, através da consulta dos Livros Sibilinos, uma ação realizada para expiar prodígios que foram reportados.

**Palavras-chave:** Livros sibilinos; religião; Roma; prodígio.

### ABSTRACT

The Roman religion was deeply intertwined with various aspects of the inhabitants of Rome lives, especially in politics and social interactions. In the 3rd century before common era, the Roman Republic expanded its territories across the Italian Peninsula, becoming a major economic and military power in the region. This change brought a major impact to Rome in the religious sphere as well, with foreign deities gaining a place of worship within the city of Rome. This article seeks to analyze a specific way in which the ancient Romans established new temples and cults for foreign gods and goddesses, through the consultation of the Sibyl Books, an action performed to atone for prodigies that have been reported.

**Keywords:** Sibyl Books; religion; Rome; prodigy.

### RESUMEN

La religión romana estaba profundamente entrelazada con varios aspectos de la vida de los habitantes de Roma, principalmente en la política y las interacciones sociales. En el siglo III antes de la era común, la República romana expandió sus territorios a lo largo de la Península Itálica, convirtiéndose en una importante potencia económica y militar en la región. Este cambio también trajo un gran impacto en Roma en la esfera religiosa, con deidades extranjeras ganando un lugar de culto dentro de la ciudad de Roma. El presente artículo busca analizar una forma específica en la que los antiguos romanos establecieron nuevos templos y cultos para dioses y diosas extranjeros, a través de la consulta de los Libros Sibilinos, acción realizada para expiar los prodígios relatados.

**Palabras clave:** Libros sibilinos; religión; Roma; prodigio.

## Introdução

Se fosse necessário resumir todo o contexto histórico da cidade de Roma durante o século III antes da era comum, bastaria apenas uma palavra, p. mudanças. A utilizamos propositalmente no plural porque não é somente um aspecto que está se modificando. As mudanças desse século estavam ocorrendo em várias esferas, p. na vida política, na religião, nas interações sociais, no seu território. A “cultura romana”, sendo impossível defini-la como algo concreto, estava se transformando (MIGNONE, 2014, p. 146).

No século III, os romanos atuaram sobre toda a Península Itálica por meio de uma série de guerras favoráveis a Roma, tais como os conflitos contra a Confederação Samnita, as vitórias sobre as cidades etruscas, e ainda a vitória sobre Tarento e Épiro, tendo dessa forma a efetiva dominação política ocorrida dois séculos depois (MACHADO, 2015, p. 18). Na primeira década do século III, Roma se encontrava na terceira guerra Samnita, lutando pela supremacia da Itália central. A batalha crítica dessa campanha ocorreu em 295, em *Sentinum*, onde os romanos derrotaram as forças combinadas de samnitas, gauleses e úmbrios. No ano seguinte, os romanos receberam a rendição da Confederação Samnita (ORLIN, 2010, p. 63). Entretanto, os conflitos armados permaneceram durante todo o século. Além da guerra Samnita, os romanos entraram em combate com a Macedônia e Cartago, duas cidades de grande poder que conseguiram unir vários povos contra a cidade de Roma e seus aliados. Roma abriu as portas para o mundo mediterrâneo de uma maneira tão intensa que, no final desse século, se tornou a grande potência do Ocidente.

O crescimento de Roma e sua expansão pela Península Itálica trouxeram profundas mudanças à cidade. Com as colônias sendo fundadas e as cidades romanas ou itálicas estabelecidas ao longo da península, a cidadania romana foi ampliada e multiplicada em um curto período de tempo para uma grande quantidade de pessoas, bem como impulsionou a migração para Roma (MACHADO, 2015, p. 20). A demografia romana, nesta época, aumentou de alguns milhares de habitantes, localizados apenas na cidade de Roma, para um número de milhões, marcadamente heterogêneos e situados em toda a Península Itálica (ALFÖLDY, 1986, p. 45). As fronteiras estavam se ampliando ao passo que os romanos conquistavam diversas cidades, inicialmente no Lácio, depois ao longo da Península Itálica e, então, ao longo do Mediterrâneo. Internamente, Roma também estava em constante mudança. Cada vez mais pessoas migravam para a cidade de Roma, fato que levou a alterações nos mais diversos âmbitos:

estradas foram abertas e aquedutos foram construídos a fim de integrar essas novas pessoas; rituais e cultos foram incorporados ou reformulados para assegurar o bom funcionamento da cidade (MACHADO, 2015, p. 49).

Abordaremos nesse artigo alguns aspectos da *religio publica*, como a inserção de novas divindades na cidade de Roma através da consulta dos Livros Sibilinos, afim de garantir a segurança e a prosperidade de Roma. As diversas populações que chegaram em Roma trouxeram consigo diversas divindades, o que provocou uma intensa alteração na religião romana. No século III podemos ver, sobretudo no final, a chegada de um grande número de novos deuses e deusas e a dedicação de diversos templos, bem como inovações nos rituais e criação de novos jogos<sup>1</sup> (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 79-80). Templos eram importantes na economia simbólica de Roma, pois eram um importante meio de demonstrar o favor divino, poder e riqueza da cidade para os estrangeiros e foram construídos por diversos motivos.

## Os Livros Sibilinos

A história da aquisição dos Livros Sibilinos pelo rei Tarquínio é um dos elementos míticos da história romana. Uma mulher, chamada Sibila de Cumas, tinha oferecido a Tarquínio nove livros dessas contendo profecias. O rei, no entanto, se recusou a comprá-los devido ao preço exorbitante que ela exigira, então ela queimou três e ofereceu os restantes seis a Tarquínio pelo mesmo preço. Ele novamente se recusou a pagar, e mais uma vez ela queimou mais três livros e repetiu sua oferta. Tarquínio, em seguida, cedeu e comprou os últimos três pelo preço original completo e os romanos os preservaram em um cofre debaixo do Templo Capitolino de Júpiter. Ao comando do Senado, consultavam-se os Livros Sibilinos a fim de descobrirem as observações religiosas necessárias para evitar calamidades extraordinárias e para expiar prodígios ameaçadores como cometas, terremotos, chuvas de pedras, pragas, secas, e fenômenos semelhantes (ORLIN, 2002, p. 97).

Começamos então com Dionísio de Halicarnaso:

---

<sup>1</sup> Um bom exemplo das modificações na *religio publica* desse período podem ser observados com o que aconteceu com a deusa *Magna Mater*. O medo causado pela campanha de Aníbal pela Itália, durante a Segunda Guerra Púnica, resultou na adoção de medidas religiosas que promoveriam a restauração da ordem romana. Nesse momento, após consulta aos Livros Sibilinos, foi decidido que Cybele, deusa da Ásia Menor, interpretada como *Magna Mater*, deveria ser transportada para Roma, para garantir a vitória na guerra. Essa divindade recebeu um templo, rituais e jogos em sua homenagem (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 80- 93; BELTRÃO, 2012, p. 7-12).

Eles os consultam [os livros], por ordem do Senado, quando a cidade é dominada por conflitos ou algum grande infortúnio lhes aconteceu na guerra, ou algum importantes prodígios e aparições foram avistados que são difíceis de interpretação, como já aconteceu muitas vezes.<sup>2</sup> (Dion. Hal. 4.62.5).

Os Livros Sibilinos eram uma coleção de versos em pergaminhos arquivada no templo de *Jupiter Optimus Maximus*, no Capitólio, até o *princeps* Augusto a transferir para o templo de Apolo (ORLIN, 2002, p. 75). Quando prodígios aconteciam e as autoridades romanas eram incapazes de aplacar a ira das divindades através de seus ritos de costume, elas consultavam então os Livros Sibilinos. Eles prescreviam rituais de diversos tipos, p. procissões, oferendas, sacrifícios e jogos. Assim como poderiam recomendar o convite de uma nova divindade para se instalar em Roma, como foi o caso de *Juno Regina* e outras divindades. O resultado da consulta era então anunciado e ditado para a população em forma de edito (SCHEID, 2003, p. 123).

Na verdade, a única parte dos Livros Sibilinos que chegou até nós é preservada por Flégon, de Trales, que escreveu um livro de maravilhas no início do século II EC (NORTH, 2000, p. 102). O texto é muito instável e cheio de lacunas, mas é um documento assegurado de ter sido parte da coleção oficial mantida pelos *decemviri*.<sup>3</sup> Apenas a primeira metade do Oráculo sobrevivente diz respeito a este argumento:

Digo-te que uma mulher dará à luz um hermafrodita, tendo todas as partes de um macho, mas também aquelas de uma fêmea. Não vou esconder, mas explicar em detalhes os sacrifícios para Deméter e a casta Perséfone. A deusa é a senhora do tear, se você tem confiança nessas coisas, pela mais sacra Demeter e casta Perséfone, primeiro você deve coletar um tesouro de moedas, de cidades o de si mesmos, como desejar; em seguida, pedir a realização de um sacrifício para Deméter, a mãe da donzela. Então, dou-lhe três vezes nove touros ao custo público...

.... Diga as donzelas, do número que eu mencionei antes, para realizar os sacrifícios pelo rito grego, apelando para a rainha imortal, casta e pura com sacrifícios. Depois disto, deixe haver presentes sagrados de suas esposas e elas carregam tochas para a mais sagrada das sagradas, Demeter, confiando no meu tear (*apud* NORTH, 2000, p. 103, Phlegon, Mirabilia. 10).

---

<sup>2</sup> Tradução na língua inglesa realizada por E. Cary, pela Loeb Classical Library.

<sup>3</sup> Além disso, o Capitólio sofreu um incêndio grave à época de Sulla, e os livros originais foram queimados. Houve delegações senatoriais enviadas a oráculos onde havia sibilas no Mediterrâneo, e novos versos foram reunidos (Lívio, 22, 9 - 10).

O ritual contido nesse texto certamente não pode ser anterior ao século III, porque o papel central é interpretado por Deméter (Ceres) e Perséfone (Proserpina) como um par de mãe e filha no modelo grego, e isto é ecoado por grupos de donzelas e esposas no ritual (NORTH, 2000, p. 103). Esta forma de seu culto não chegou a Roma até meados do terceiro século e é referida como o culto grego de Ceres, em oposição à versão romana antiga.

A primeira consulta dos livros supostamente aconteceu em 496 AEC, quando o ditador *A. Postumius Albus* solicitou a sua consulta por causa de uma enchente e pela guerra de Roma contra os volscos, que ameaçava a cidade de fome. Como resultado, os *ludi saeculares* foram introduzidos em Roma (ORLIN, 2002, p. 78). Durante a República eles eram chamados de *ludi Tarentini*, *Terentini* ou *Taurii* (Val Max., II. 4). Sua origem é descrita por *Valerius Maximus*, que atribui sua instituição para a recuperação milagrosa dos três filhos de um romano chamado Valério, que tinha sido atacado por uma praga que infestava a cidade de Roma na época e teve a saúde restaurada, ao beber água aquecida em um lugar no campo de Marte, chamado de Tarento. Valério, depois ofereceu sacrifícios em Tarento para *Dis* e Proserpina, quem supostamente recuperou a saúde de seus filhos; os *ludi* continham *lectisternia* (banquete) para as divindades, eram realizados jogos festivos por três noites sucessivas, porque seus três filhos tinham sido salvos.

Durante a República, o Senado sempre manteve a autoridade sobre os oráculos. Quando os livros foram depositados no templo de Júpiter, dois homens foram selecionados para se encarregarem deles, os *duumviri sacris faciundis*. Esse número aumentou para 10 em 367, metade composta por plebeus e a outra por patrícios, sendo chamados então de *decemviri sacris faciundis*. E depois, foi aumentado para 15 no primeiro século, chamados então de *quindecimviri sacris faciundis*. Sob Júlio César, o colégio decenviral passou a ter 16 membros, mas o nome foi mantido como “os quinze homens do sacrifício”. Somente esses homens podiam consultar os livros, e apenas quando o Senado pedisse para eles fazerem isso (BERNSTEIN, 2007, p. 226).

Para Eric Orlin (2002, p. 82), os *decemviri* talvez tivessem que ler os três pergaminhos inteiros para selecionar o oráculo que parecia ser o mais apropriado para a presente situação. Ou eles já possuíam um index listando onde olhar em caso de fome, pragas, nascimentos de hermafroditas etc, e combinavam com as expiações possíveis.

Encontrar a passagem apropriada nos livros era apenas o primeiro passo. A passagem ainda tinha que ser interpretada, e diferentes interpretações

do mesmo oráculo poderia levar a variadas ações. Era a responsabilidade do Senado decidir como um oráculo deveria ser aplicado para a situação em particular (ROSENBERGER, 2007, p. 294).

O Senado era responsável por garantir o dinheiro necessário para financiar quaisquer ritos que eram necessários, mas os *decemviri* geralmente cumpriam essa tarefa (ORLIN, 2002, p. 84). Um dos motivos mais comuns para consultar os livros era para controlar alguma peste que assolava Roma. Pestes eram tratadas como prodígios, e doenças entre os cidadãos eram tidos como um sinal de doença na relação dos romanos com as divindades. Em seis ocasiões separadas de pestilências, os livros foram consultados (ROSENBERGER, 2007, p. 295). Deve-se, no entanto, enfatizar que as instituições romanas não estavam preparadas para aceitar comunicações com os deuses sem limites. Observações individuais de sinais podiam ser rejeitadas como não pertencentes à sociedade como um todo, e relatórios de alguns sinais podiam ser totalmente banidos (RÜPKE, 2006, p. 231).

A expiação de prodígios, o que parece ser uma das ações mais comuns da religião romana, fornece informações de como Roma se relacionava com as cidades estrangeiras. Para os romanos, o acontecimento de um prodígio significava uma quebra da *pax deorum*, uma ruptura em seu relacionamento com o divino, e para impedir a ira das divindades, eles precisavam aplicar ritos expiatórios apropriados. Prodígios registrados vão desde os nascimentos incomuns de humanos e animais, como no caso de hermafroditas e animais nascidos com muitos ou menos membros, até aparições visuais, como pessoas, construções ou estátuas atingidas por relâmpagos (ORLIN, 2010, p. 111).

Os romanos acreditavam que os prodígios eram uma forma primária de comunicação dos deuses com os mortais. A ocorrência de prodígios é bastante comum durante a República. Durante o seu longo período, de acordo com Tito Lívio, os prodígios aconteciam quase todos os anos (ORLIN, 2010, p. 112). Os prodígios incluíam também o mau comportamento dos sacerdotes, especialmente as sacerdotisas da deusa Vesta, as virgens vestais. Estas eram seis meninas (desde os 6 anos de idade em diante) e as mulheres que realizaram um serviço religioso durante 30 anos no centro de Roma, a *aedes Vestae*. O culto já era considerado arcaico pelos próprios romanos (RÜPKE, 2006, p. 231). O conceito de sua pureza fez com que o contato sexual de uma Vestal com homens se tornasse uma ofensa, *stuprum*, punível com a morte.

A ocorrência de prodígios indicava não apenas a ruptura da *pax deorum*, mas também uma ruptura na própria sociedade romana. Tais ameaças

para a estrutura da comunidade não poderiam ser ignoradas e precisavam de uma resposta (ORLIN, 2010, p. 113).

Tito Lívio registrou que, em 217, ocorreram muitos prodígios alarmantes para os romanos:

Uma criança de seis meses de idade, de pais nascidos livres, gritou “*Io triunfo*” no mercado de verduras, enquanto no *Forum Boarium* foi relatado que um boi subiu por sua vontade própria, ao terceiro andar de uma casa e depois, assustado com a barulhenta multidão que se reuniu, se jogou para baixo. Um navio fantasma foi visto brilhando no céu; no templo da Esperança, no mercado, e foi atingido por um raio; no de Juno, no *Lanuvium*, sua lança mudou de lugar, e um corvo tinha voado até o templo e estabeleceu-se em cima de seu colo; no território de *Amiternum*, seres em forma humana e vestidos de branco foram vistos à distância, mas ninguém chegou perto deles; no bairro de *Picenum*, houve uma chuva de pedras; em *Caere*, os tabletes oraculares diminuíram de tamanho; na Gália, um lobo tinha arrebatado a espada da bainha de um sentinela e fugiu com ela. (Lívio, 21. 62, 2 - 6).

Nessa única passagem, Tito Lívio relata dez prodígios de uma vez, que aconteceram durante o inverno de 217. No que se refere aos presságios, os *decemviri* foram ordenados a consultar os Livros Sibílicos, e no caso da chuva de pedras em *Picenum*, foi proclamado um banquete sagrado por nove dias, no fim dos quais quase toda a comunidade romana se ocupava com a expiação dos outros prodígios. Primeiro, a cidade foi purificada, e vítimas adultas foram sacrificadas para as divindades indicadas nos livros. Uma oferenda de quarenta quilos de ouro foi levada para a deusa Juno em *Lanuvium*, e as matronas dedicaram uma estátua de bronze para essa deusa no monte Aventino. Em *Caere*, onde as tábuas<sup>4</sup> haviam encolhido, um *lectisternium* foi ordenado, assim como em Roma, no templo de Hércules, e depois outro em que toda a população foi convidada a participar em todos os santuários. Cinco vítimas adultas foram sacrificadas para o *genius* de Roma e *C. Atilius Serranus*, um pretor, recebeu instruções para realizar certos votos para garantir que o bem estar da sociedade permanecesse na mesma condição por dez anos (Lívio, 21. 62, 6-12). Estas observações cerimoniais e os votos, ordenados em pelos Livros Sibílicos, tiveram então a função de acalmar os temores religiosos da população.

Durante os aproximadamente 120 anos desde a captura e destruição da cidade de Veios (tradicionalmente em 396), até a derrota final do senhor da guerra helenístico Pirro, em 275, a guerra romana cresceu em tamanho,

---

<sup>4</sup> Essas tábuas oraculares (“sortes”) são registros de alocação de terras. Desse modo, se os registros de alocações de terras são destruídos ou perdidos, pode-se entender o caos social que poderia ocorrer. Esses prodígios significam também problemas graves para comunidade humana.

duração e complexidade. Por causa dos sucessos de Roma contra os volscos, etruscos, e latinos, seu escopo militar e ambições foram aumentados, o que desencadeou um conflito com os samnitas, que em grande parte viviam nas áreas do centro e sul da Itália. Durante as guerras com os samnitas no final do século IV e no início do século III, Roma ocasionalmente era confrontada por coligações que também incluíam gauleses, etruscos e úmbrios (ERDKAMP, 2006, p. 282-83). No século III houve então a expansão do império de Roma para toda a Península Itálica, e o assentamento de diversos grupos de cidadãos romanos fora de Roma. Assim, o sistema religioso de Roma começou a incorporar mais elementos de outras áreas da região latina. Isso também ajudou para definir o relacionamento entre os romanos e os povos estrangeiros da Península Itálica, enquanto os romanos aumentavam o seu controle da região. O reconhecimento de prodígios em territórios fora de Roma diminuiu a distinção entre romanos e estrangeiros, em um esforço de criar laços, já que os romanos tratavam um prodígio acontecendo em seu território como eles o faziam no *ager romanus* (ORLIN, 2010, p. 115).

O reconhecimento e aceitação de prodígios de santuários religiosos na Península Itálica fornece uma maneira particular para os romanos anunciarem sua religião em comum com outros povos. Essas ações, relacionadas com santuários de importância local ou regional demonstram a natureza religiosa de conexão entre romanos e as comunidades locais. Tomando a responsabilidade pela interpretação da mensagem que a divindade local transmite, os romanos reconheciam que a divindade estava se comunicando com eles, assim como com a comunidade local e desse modo, colocavam os dois grupos humanos, aparentemente, na mesma posição (ORLIN, 2010, p. 116).

O surgimento de um prodígio é, entretanto, apenas uma parte do processo comunicativo entre os romanos e as divindades. Já que os prodígios serviam para indicar algum descontentamento divino com os romanos, estes precisavam de mecanismos para se comunicarem em retorno, em um esforço de recuperar o favor das divindades, e esse esforço tomou a forma de rituais expiatórios. Os ritos<sup>5</sup> expiatórios funcionavam em dois níveis, p. demonstravam para a população romana e também itálica que o favor dos deuses estava sendo restaurado em prol de Roma, e também restabeleciam os laços da comunidade em uma situação de crise (ORLIN, 2010, p. 120).

---

<sup>5</sup> Tambiah afirma que não podemos identificar claramente certo domínio demarcado de eventos ditos rituais. Mas há certas performances e festividades que, pontualmente, se aproximam de um exemplo de rito. Expressões linguísticas que diferenciam certa classe de eventos de outros “da vida cotidiana” (TAMBIAH, 1979, p. 116-17). Ou seja, o discurso verbal de um ritual é inseparável da ação, pois ele era complementado por sinais auditivos como preces, performances musicais, e também de odores aromáticos de perfumes e incensos, sendo assim totalmente performativo.



Grande parte das inovações religiosas foi realizada devido aos Livros Sibílicos. Eles eram supervisionados por um colégio romano de sacerdotes, os *uiri sacris faciundis*, e frequentemente consultados sobre as questões da religião que afetavam o interesse de Roma e eram tratados através do *ritus* grego, no “modo grego” de ritual (GRUEN, 2006, p. 465). Os cultos romanos realizados de acordo com os ritos gregos constituíam uma categoria que certamente soaria exótica para os gregos. John Scheid (2003, p. 37) afirma que os ritos gregos faziam parte de uma categoria oficial, criada pelos romanos durante o século III AEC para nomear um novo costume religioso ou antigos cultos romanos cuja origem grega fora descoberta ou enfatizada. O termo “ritos gregos” foi então designado para demarcar a presença de um antigo componente grego na religião romana, devido a sua capacidade de se adaptar e inovar.

Um exemplo de adaptação e inovação é percebido claramente no culto da deusa Ceres. As alterações no culto de Ceres, infelizmente, são fornecidas pelas fontes apenas indiretamente, de modo que é difícil demarcar com precisão a natureza dessas mudanças. A documentação, no entanto, é suficientemente importante para a investigarmos com um olhar mais atento. A evidência para a adição de “ritos gregos” em honra de Ceres é variada, mas segura. Tito Lívio (22. 56. 4), observa que, em 216 AEC, o *sacro anniversarium Cereris*, o rito anual em honra de Ceres, foi interrompido por causa do luto imposto às mulheres de Roma pelo resultado desastroso da batalha de Canas. Em consequência, o Senado ordenou que o luto fosse limitado a trinta dias para garantir que nem os ritos públicos e os privados fossem negligenciados. Orlin (2010, p. 105), acrescenta que este festival foi celebrado para reconstruir o mito do rapto de Perséfone e foi importado da cidade de Henns, na Sicília, assim, ligando explicitamente este festival com um dos cultos gregos de Deméter e *Kore Verrinas* (Cic. *Verr.* 2.4.108).

Cícero fornece-nos uma afirmação mais clara sobre este aspecto das mudanças no culto de Ceres. Em seu discurso defendendo Cornélio Balbo da acusação de estar alegando falsamente a cidadania romana, o orador oferece o seguinte exemplo de estrangeiros que foram concedidos a cidadania:

Nossos ancestrais, ó juízes, desejaram que os ritos de Ceres devessem ser realizados com a estrita reverência religiosa e cerimônia. Estes ritos, como tinham sido originalmente derivados dos gregos, sempre tinham sido conduzidos por sacerdotisas gregas, e foram chamados de ritos gregos. Mas, embora eles tivessem escolhido uma mulher da Grécia, que pode nos mostrar o rito grego e executá-lo, no entanto, eles desejaram que, em vez de um cidadão realizar o rito em nome de outros cidadãos, a fim de que ela pudesse orar aos deuses imortais com conhecimento estrangeiro e externos, ela teria que possuir os sentimentos de uma de nós e da nossa própria família e dos nossos cidadãos. (Cic. *Balb.* 24-55).

A decisão do Senado para importar esse culto grego de Ceres pode ter sido impulsionado, em parte, pelo desejo de afirmar tanto a importância da mulher na sociedade romana e esclarecer seu lugar apropriado na sociedade (a mãe e esposa ideal, forte, recatada e do lar). A concessão de cidadania para as sacerdotisas do culto, colocando-as dentro da administração religiosa romana, serviu então como mais um marcador da centralidade das mulheres, no seu devido lugar, para o sucesso do estado romano. De forma comparável, Roma abraçou adivinhos etruscos, os haruspices. Eles alegavam (ou foram concebidos como tendo) acesso à antiga habilidade etrusca na interpretação de prodígios (GRUEN, 2006, p. 465). Pelo menos, desde o início do século terceiro eles foram consultados frequentemente por Roma para divulgar o significado dos prodígios estranhos e examinar as entranhas de animais sacrificiais.

A transformação mais profunda nas relações entre Roma na República Média e o resto do mundo Mediterrâneo ocorreu na metade do século III. Em 241, no final da primeira Guerra Púnica contra Cartago, a expansão marítima de Roma tinha apenas começado, com a adição da região da Sicília. Saindo vitoriosos contra os cartagineses, Roma estabeleceu-se como a maior potência do Mediterrâneo. Roma, seja por planejamento deliberado ou através de uma série de oportunidades ou acidentes, estabeleceu seu extensivo controle no mundo antigo (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 73). O resultado desse sucesso é que Roma, nesse período, se tornou o mais famoso exemplo de cidade triunfante para os olhos antigos e modernos. E o sucesso de Roma era também o sucesso das divindades.

Em 217, durante os dias sombrios para Roma enquanto transcorria a segunda Guerra Púnica, os romanos voltaram-se novamente para divindades estrangeiras em busca de auxílio. A deusa Vênus *Erycina* mudou-se da Sicília para um novo santuário na colina Capitolina, em Roma. A divindade misturava elementos helênicos e púnicos, uma combinação evidentemente aceitável para Roma e, na década seguinte, realizou-se uma transferência ainda mais dramática (Lívio, 15. 22,9–10,23. 30). A guerra estava deixando Roma bastante preocupada, e terríveis presságios seguiram a calamidade da batalha de Canas,<sup>6</sup> no ano de 216. Os romanos imediatamente enviaram uma embaixada para o oráculo de Delfos, liderado pelo político e historiador *Q. Fabius Pictor*. Não sabemos o que ele pode ter ouvido em Delfos, mas *Fabius* retornou com uma lista de prescrições detalhando os meios apropriados para propiciar as divindades específicas cujas identida-

---

<sup>6</sup> A batalha de Canas foi uma das grandes batalhas da Segunda Guerra Púnica que acontecera em 2 de agosto de 216 AEC, em Apúlia, no sudeste da Península Itálica. O exército de Cartago, sob o comando de Aníbal, cercou e derrotou decisivamente um grande exército de Roma (Lívio, 9).

des são um mistério. Promessas de sucesso acompanharam os conselhos do oráculo, e uma solicitação de que oferendas fossem enviadas para o deus Apolo através dos despojos que estavam por vir (GRUEN, 2006, p. 467). Tudo acabou se mostrando como previsto pelo oráculo. Roma saiu vitoriosa contra Aníbal, e uma nova embaixada retornou a Delfos com uma oferenda, além dos espólios da guerra.

O comportamento ritual em tais momentos tinha a habilidade de gerar uma mudança social e, em particular, de trazer para uma sociedade estruturada de forma distinta como a romana, um grande grau de relacionamento igualitário entre os grupos humanos, que Victor Turner (1974, p. 273-74) chama de *communitas*, um comportamento simbólico que cria a sociedade para propósitos pragmáticos. Turner afirma que o ritual não traz somente a volta do status quo, mas traz também uma mudança fundamental mesmo quando restabelece a ordem social. Para Balandier, o ritual tem um papel fundamental, pois seria ele um dos mecanismos de renovação da “ordem” que estava em desequilíbrio. A expiação tem então uma eficácia terapêutica, p. pois afasta a comunidade de seus conflitos potenciais, reforça os laços entre os grupos (sociedade romana, que continha patrícios, plebeus, escravos e estrangeiros) mais distantes (BALANDIER, 1969, p. 129).

Muitos outros tipos de prodígios também resultaram na consulta dos livros. Chuva de pedras, fenômenos naturais como terremotos, relâmpagos e eventos solares ou lunares. Eventos exóticos, como suor saindo das estátuas ou sangue emergindo da terra comum com outros povos. Essas ações, relacionadas com santuários de importância local ou regional demonstram a natureza religiosa de conexão entre romanos e as comunidades locais. Tomando a responsabilidade pela interpretação da mensagem que a divindade local transmite, os romanos reconheciam que a divindade estava se comunicando com eles, assim como com a comunidade local e desse modo, colocavam os dois grupos humanos, aparentemente, na mesma posição (ORLIN, 2010, p. 116).

O ano de 295 marcou o primeiro momento em que os Livros Sibílicos entraram em ação no século III em Roma, e novamente, foi Tito Lívio que registrou esse relato. Esse ano foi tomado por uma peste grave e por presságios alarmantes. Em muitos lugares foram relatadas chuvas de terra caindo do céu, e um grande número de homens no exército sob Ápio Claudio disseram terem sido atingidos por um raio.

Os livros sagrados foram consultados em virtude dessas ocorrências. Durante este ano, *Q. Fabius Gurges*, filho do cônsul, que era um edil, trouxe algumas matronas a julgamento perante o povo, sob a acusação de adultério. Foi de suas multas que se obteve dinheiro suficiente para construir o templo para Vênus, que fica perto do *Circus*. (Lívio, 10. 31,7-9).

A solução para esses prodígios, como podemos analisar, foi a construção de um templo para a deusa Vênus. A deusa adquiriu um sufixo ao seu nome, *Obsequens*, que pode ser traduzido para obediente, humilde ou submissa.

Nesse mesmo ano, o deus Esculápio foi a primeira divindade grega importada desde o século V, e a sua introdução é devido à nova atenção dada ao mundo grego. Em 295, uma peste se alastrou em Roma prejudicando a celebração da decisiva vitória romana na batalha de *Sentinum*, no mesmo ano (Lívio, 10. 47). Os prodígios que ocorreram provocaram a consulta dos Livros Sibílinos, mas Tito Lívio não informa qual foi a resposta. Dois anos depois, outra peste severa aconteceu e os livros foram consultados novamente. Dessa vez, eles recomendaram invocar o deus grego Asclépio (que seria chamado pelos romanos de Esculápio) da cidade de Epidauro para Roma, mas os cônsules estavam ocupados e nada foi feito até o ano seguinte. Uma embaixada foi enviada para a Grécia sob a liderança de *Q. Olgunius*. Ao chegar a Epidauro, uma cobra, que acreditaram representar o deus, subiu no navio e se enrolou no quarto de *Olgunius*. Ao chegar a Roma, a cobra saiu do navio e entrou no rio Tibre, instalando-se na ilha Tiberina (Lívio, 10. 47,6-7). O Senado decidiu, então, que o templo seria construído ali na ilha (até hoje há um hospital no local do templo de Esculápio, hoje em dia uma maternidade) e assim acabou a peste. O templo foi construído e dedicado para Esculápio em 291 (RICHARDSON, 1992, p. 3). O culto certamente adquiriu algumas das características presentes no culto de Epidauro, incluindo os costumes de incubação e o armazenamento de cobras e cachorros pelos sacerdotes (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 69). A adoção de Esculápio pelos romanos teria sido um sinal de que eles procuraram entrar no mundo da cultura grega, em vez de impor seus próprios costumes itálicos no sul da Itália. Como observou Scheid (1985, p. 97-98), “o culto de Esculápio foi capaz de desempenhar o papel de integrador federal para as cidades da Magna Grécia”.

Os Livros Sibílinos motivaram a construção de sete templos em Roma no século III, p. Vênus *Obsequens*, em 295, Esculápio, em 291; Hércules *Custos*, provavelmente no século III; Flora, em 241 ou 238; *Mens*<sup>7</sup> e Vênus

---

<sup>7</sup> Quando os Livros Sibílinos recomendaram a construção de um templo para a divindade *Mens*, a personificação da premeditação ou da mente, esse conselho foi devido à desastrosa derrota infligida sobre os romanos por Aníbal no Lago Trasímene (Lívio, 22,9). *Mens* é um exemplo típico de uma deusa criada a partir de um valor personificado, uma prática muito romana, seguindo tais exemplos como *Concordia* (304), *Vitória* (294) e os dois templos de *Spes* e *Fides* (primeira Guerra Púnica), entre outros. Na verdade, tanto Cícero e Plínio incluem *Mens* quando listam bons exemplos de valores romanos, o que justifica sua deificação (Cícero, ND, 3.88; Plínio, NH, 2.14).

*Erycina*,<sup>8</sup> em 215; *Magna Mater*,<sup>9</sup> em 204. O caso da introdução da Ceres (495), apesar de não ter acontecido no século III, chama atenção para o fato de como os oráculos poderiam ser interpretados de maneiras diferentes. Os livros não mandaram explicitamente que os romanos construíssem um templo para a deusa. Eles pediram que Ceres, Liber e Libera fossem propiciados. *Postumius*, ouvindo isso, prometeu construir um templo e criar um sacrifício anual caso a abundância voltasse para a terra. Quando as plantações voltaram, *Postumius* concluiu fez seu voto passar pelo

---

<sup>8</sup> Os templos de Vênus *Erycina* e *Mens* têm determinadas conexões, pois não só foram prometidos ao mesmo tempo, mas eles eram dedicados no mesmo ano e seus templos, no Capitólio, foram separados por um canal de água único (RICHARDSON, 1992, p. 408). O aspecto bélico da Vênus *Erycina* foi muito importante para os romanos, enquanto a deusa *Mens* serviu como um lembrete para planejar a campanha e escolher cuidadosamente quando se envolver em uma batalha campal. As deusas eram então complementares. A ação de introduzir Vênus *Erycina* em Roma parece ser parte de uma iniciativa diplomática. A Sicília tinha sido o principal palco de guerra na primeira Guerra Púnica, e em particular a parte ocidental da Sicília, incluindo a área em torno do Monte Érix, tinha sido uma possessão cartaginesa durante um período significativo de tempo antes da primeira Guerra Púnica. Até mesmo o culto de Vênus no Monte Érix foi essencialmente púnico. Os romanos tinham boas razões para estarem apreensivos sobre sua posição na Sicília. Não havia nenhuma garantia de que as cidades aliadas não iriam desertar de volta para o lado de Cartago quando tivessem uma oportunidade. Acolher a deusa Vênus do Monte Érix na sua própria casa e instalando-a em um lugar de honra na colina do Capitólio, os romanos afirmaram publicamente um grande respeito para essa deusa. Por este ato, os romanos esperavam vincular essas cidades mais firmemente a eles e solidificar as suas lealdades para as próximas batalhas (ORLIN, 2002, p. 109).

<sup>9</sup> Em 204, seguindo o conselho dos Livros Sibílicos (segundo a tradição (Lívio, 29. 14, 3 - 7), dois sóis foram vistos, havia intervalos de luz durante a noite, um meteoro foi visto indo para o oeste, um portão em Tarracina e outro portão em Anagnia e várias partes do muro foram atingidos por um raio, no templo de *Juno Sospita* em *Lanuuium*, um acidente seguido de um rugido terrível foi ouvido) novamente, as autoridades romanas tiveram a deusa *Magna Mater* enviada da Ásia menor para Roma sob a forma de uma pedra negra que simbolizava o seu culto. Esta divindade da Anatólia helenizada recebeu um novo templo no Monte Palatino, com jogos anuais para serem celebrados em sua honra (GRUEN, 2006, p. 466). Para trazer Cybele para Roma não foi por causa de uma necessidade em um momento de desespero e fraqueza durante a segunda guerra Púnica. Essa ação representa uma tentativa de promover relações com as cidades do leste grego. Embora a guerra não tivesse acabado quando este templo foi prometido em 205, a batalha de Metauro tinha cortado os suprimentos e as reservas de Aníbal, e ficou claro para os romanos que o grande perigo tinha passado. A paz concluiu-se nesse mesmo ano, mas tinha deixado Roma com uma má reputação no Oriente (Lívio, 29.12.1). A adoção romana da *Magna Mater* destinava-se, então, a fazer uma declaração para todas as partes interessadas sobre o interesse contínuo de Roma na região e pode ter ajudado a diplomacia romana de três maneiras. Primeiro, ela reafirmou a aliança de Roma com o rei do Pérgamo, Atallus (241-197 a.C.), cuja ajuda foi procurada ativamente em trazer a *Magna Mater* para Roma (Lívio, 29.11.2 - 7). Em segundo lugar, advertiu Felipe, o rei da Macedônia (221-179 a.C.), que os romanos não haviam partido permanentemente da Ásia menor, mas estavam apenas levando um hiato temporário para concluir seus negócios com Aníbal. Finalmente, assim como serviu para alertar o Felipe, então tranquilizou as cidades gregas da área que os romanos continuariam a ter um forte interesse nesta região, enfatizando seus laços culturais e talvez até sua ancestralidade comum (ORLIN, 2002, p. 110).

Senado para construir o templo. Os livros apenas pediram uma expiação, sem especificar a necessidade de um templo. Fora o ditador, apoiado pelo Senado, quem interpretou o oráculo e decidiu que construir um templo era a ação apropriada (RICHARDSON, 1992, p. 80-81).

No caso de Ceres, um aspecto interessante em sua introdução foi suas ligações com a plebe romana. A batalha do lago *Regellus* fez com que o ditador *Postumius* promettesse também um templo para Castor e Polux, os patronos da cavalaria, e desse modo, do seguimento mais rico da população romana. De acordo com a tradição, as tensões sociais culminaram na primeira secessão plebeia. A construção do templo para Ceres, em adição ao problema da fome, talvez tivesse a intenção de acabar com essa tensão social (RICHARDSON, 1992, p. 75). Localizado no monte Aventino, o templo de Ceres seria o primeiro aspecto para conectar a colina com a plebe romana.

Para Orlin (2002, p. 112), o templo de Ceres eventualmente serviu para equilibrar as emoções sociais, junto com o templo de Castor, um sendo predominantemente plebeu, outro predominantemente patricio, ambos iniciados por *Postumius*. O envolvimento dos Livros Sibílicos permitiu que o Senado fizesse um gesto de paz, tamanha a responsabilidade ao interpretar os livros e não parecendo que estava se rendendo para a plebe.

Duas formas de atividade expiatória do ano 217 merecem atenção, pois ambas estavam preocupadas com a manutenção da comunidade romana durante a Segunda Guerra Púnica. Em adição aos sacrifícios de animais em *Lanuvium* e em *Ardea*, os *decemviri* decretaram que os romanos deveriam oferecer sacrifícios para a deusa *Juno Regina*, em seu templo no monte Aventino e que as matronas de Roma deveriam coletar dinheiro para a deusa. O templo de *Juno Regina* se localizava fora do *pomerium*, a fronteira sagrada da cidade. De uma perspectiva religiosa, sacrifícios em seu templo poderiam ser considerado como algo acontecendo fora da cidade, assim, como os realizados em *Lanuvium* e *Ardea*. O Aventino serviu tradicionalmente como a região habitada por estrangeiros que foram incorporados no estado romano, então sua localização faz com que a ação romana seja mais significativa. Em vez de fechar suas portas em momentos de crise, as fronteiras de Roma para o divino permaneciam abertas (RICHARDSON, 1992, p. 47).

A atenção dos romanos em manter a unidade com seus aliados latinos durante a Segunda Guerra Púnica também pode ser vista na expiação realizada em 207. Nesse ano, uma criança que nasceu em Frusino, tinha o sexo incerto, não sabiam se era um menino ou uma menina. Os harúspices

etruscos foram consultados e declararam que a criança deveria ser jogada no mar, e eles mesmos a colocaram viva dentro de uma caixa e a jogaram no mar, enquanto os pontífices declararam que 27 matronas deveriam caminhar pela cidade cantando um hino (Lívio, 27. 37).

Enquanto as matronas estavam ensaiando a canção no templo de Júpiter *Stator*, escrito pelo poeta Lívio Andrônico (Lívio, 27. 37. 9), um relâmpago atingiu o templo de *Juno Regina* no Aventino. Em resposta para esse prodígio, os harúspices declararam que a deusa deveria ser agradada com uma oferenda das matronas romanas. Então os *aediles curules* supervisionaram a coleta e os *decemviri* conduziram a procissão na qual as matronas cantavam e seguiram a direção rumo ao templo de *Juno Regina*, onde oferendas (nesse caso, uma bacia de ouro) foram guardadas e os sacrifícios de duas vacas brancas realizados (POE, 1984, p. 61). Como relata Tito Lívio:

Do templo de Apolo, através do portão Carmental, duas vacas brancas foram conduzidas pela cidade. Atrás delas, estátuas de madeira da deusa *Juno Regina* eram carregadas. Então vieram vinte e sete matronas com longas capas que cantavam um hino para *Juno Regina*. Vários outros rituais aconteceram no Fórum então. Pelo *Vicus Tuscus* e pelo *Velabrum*, através do *Forum Boarium*, elas subiram a rua de *Publicius* e alcançaram o templo de *Juno Regina*. Os *decemviri* imolaram as vítimas e as estátuas de madeira foram carregadas para dentro do templo. (Lívio, 27. 37,15-18).

As matronas começaram sua jornada do lado de fora do templo de Apolo, marcado pelo círculo vermelho no topo mais à esquerda, perto do *Circus Flaminius*. Elas procederam através da Area Capitolina, onde ficava o templo de Júpiter *Optimus Maximus* e passaram então pelo Fórum (segundo círculo vermelho, a direita), onde performaram uma dança e então desceram pelo *Vicus Tuscus*, passando pelo *Velabrum*, através do *Forum Boarium*, até chegarem ao templo de *Juno Regina* no monte Aventino. Ali, os sacrifícios animais foram realizados em honra à deusa e as estátuas de madeira foram depositadas no seu templo.

## Conclusão

Construir um novo templo para uma nova divindade pode ser tratado então como um meio de almejar os melhores interesses do estado romano na promoção da *pax deorum*. Mais uma vez, o Senado alegremente apoiaria a ação de um indivíduo em que ele voluntariamente subordinava os próprios interesses para os coletivos do estado e via o Senado como guardião

desses interesses. No caso de templos construídos por causa da consulta dos Livros Sibílinos, o financiamento de um novo templo era garantido pelo Senado, já que a construção dele era crucial para garantir a ordem social e a *pax deorum*. Em muitos casos, os templos foram financiados através de multas coletadas pelos edis romanos. A construção de um novo templo, portanto, simultaneamente validava a posição dos romanos dentro do mundo Mediterrâneo e a

posição do Senado no interior do estado romano.

A introdução de novos cultos pelos Livros Sibílinos encaixa-se nesse contexto de inovações e trocas culturais que aconteceram de maneira intensa no século III AEC. Essa introdução através do mecanismo dos Livros Sibílinos trouxe para a cidade de Roma uma nova maneira de como o Senado organizava a área dos novos templos estabelecidos. Até o final do século III, os romanos eram parte, e acreditavam mesmo serem, uma cidade de potência dominante, pois a pequena cidade no rio Tibre estava caminhando para ser um centro cosmopolita cultural. As relações de Roma com suas divindades explicam sua ascensão, representando o seu sucesso e garantindo sua continuação para o futuro. Como pudemos observar, grande parte dessas integrações divinas foi um meio para preservar a estabilidade de Roma, quando os prodígios perturbavam a sociedade romana e a única solução era a consulta dos oráculos dos Livros Sibílinos.

## Fontes textuais

TITO LÍVIO. *Ab urbe condita libri*. Trad. FOSTER, B. O. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1967. (Texto em latim e tradução em inglês).

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Antiquitates romanae*. Trad. CARY, E. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1960. (Texto em grego e tradução em inglês).

## Referências bibliográficas

ALFÖDY, G. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ALMEIDA, A. R. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, 2008.

BALANDIER, G. *Antropologia política*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro; Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

BEARD, M.; NORTH, J.A.; PRICE, S.R.F. *Religions of Rome*. Vol. 1: A History. Vol. 2: A Sourcebook. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BEARD, M.; NORTH, J.A.; PRICE, S.R.F. *SPQR: a history of ancient Rome*. London: Pofile Books, 2016.



- BELTRÃO, C. A religião na urbs. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (org.). *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 137-159.
- BELTRÃO, C. Ritual e narrativa: a supplicatio no mito da Fortuna Muliebris. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 55, p. 193-220, 2015.
- ERDKAMP, P. Army and society. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (eds.). *A companion to Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 278-296.
- FERRI, G. *Tutela segreta ed evocatio nel politeismo romano*. Roma: Bulzoni Editore, 2010, 159
- FERRI, G. Voltumna - Vortumnus. In: BRAIDOTTI, C.; DETTORI, E.; LANZILLOTTA, E. (eds.), *Studi in memoria di Roberto Pretagostini*. Roma, 2009, p. 993-1009.
- FLOWER, H. *Roman Republics*. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- GRUEN, E. S. Roman and others. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (eds.). *A companion to Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 459-477.
- LOMAS, K. Italy during the Roman Republic, 338–31 b.c. In: FLOWER, H. (ed.). *The Cambridge companion to Roman Republic*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 233-260.
- MACHADO, D. *Dea Roma: a personificação da urbs em moedas no período das Guerras Púnicas*. (Monografia). Rio de Janeiro, Unirio, 2014.
- MIGNONE, L. M. Remembering a geography of resistance: plebeian secessions, then and now. In: GALINSKY, K. (ed.). *Memoria romana: memory in Rome and Rome in memory*. Ann Arbor: Michigan University Press, 2014, p. 137-150.
- MIGNONE, L. M. *The republican aventine*. PhD Thesis. New York, Columbia University, 2010.
- ORLIN, E. M. *Temples, religion and politics in the Roman Republic*. Leiden: Brill, 2002.
- ORLIN, E. M. *Foreign cults in Rome: creating a Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- ORLIN, E. M. Urban religion in the middle and late Republic. In: RÜPKE, J. (ed.). *A companion to Roman religion*. Oxford: Blackwell, 2007.
- POE, J. The secular games, the aventine, and the pomerium in the Campus Martius. *Classical Antiquity*, v. 3, n. 1, p. 57-81, 1984.
- RICHARDSON, L. *A new topographical dictionary of ancient Rome*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- ROSENBERGER, V. Republican nobiles: controlling the Res Publica. In: RÜPKE, J. (ed.). *A companion to Roman religion*. Oxford: Blackwell, 2007, 292-303.
- RÜPKE, J. Roman religion. In: FLOWER, H. *The Cambridge companion to the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- RÜPKE, J.(ed.) *A companion to Roman religion*. Oxford: Blackwell, 2007.

- SCHEID, J. *An introduction to Roman religion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.
- SCULLARD, H. H. *Festivals and ceremonies of the Roman Republic*. London: Thames and Hudson, 1981.
- SPAETH, B. *The Roman goddess Ceres*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- STEINBY, E. *Lexicon topographicum Urbis Romae*. Vol. 1. Roma. Edizioni Quazar, 1993.
- TORELLI, M. Topography and archaeology of Rome. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (eds.). *A companion to Roman Republic*. Oxford. Blackwell, 2006, p. 81-101.
- WISEMAN, T. P. *Remembering the Roman people*. Oxford: Oxford University Press, 2009.